



MARCAS DE AMOR

No apartamento 190 eram comuns os gritos abafados, os móveis arrastando, coisas caindo e quebrando, os sons de um casal apaixonado e jovem. Naquele lugar repleto de amor, onde o homem de família, um exemplo de conduta para todos do prédio, saía para trabalhar e dar todo conforto e mordomia a sua bela mulher, nascida em berço de ouro proporcionado por um lar culto e tradicional.

É confuso para uma garotinha entender o que é ser uma mulher e o que a torna uma. Foi difícil pôr em sua cabeça que damas devem se calar na presença de um homem, que seu lugar é em casa limpando e cuidando dos filhos, não se deve opinar, que trabalho e estudos mais avançados são para a população masculina. A mulher do apartamento 190 concordava com isso.

“Seu marido é quem manda, minha filha!”, é o que sempre ouvia de sua amada e sábia mãe, que viveu uma vida de submissão sem nunca, ao menos, ter aprendido a ler, pois a sabedoria cabe apenas aos homens, como também sempre falava.

Foi estranho para os vizinhos quando o moço do 190 foi trabalhar e não voltou mais, principalmente para buscar suas coisas, como sua bela mulher, que não deu um “pio” após sua partida. Com o tempo eles estranharam o silêncio do apartamento 190 que era sempre cheio de amor, marcado não só pelo sorriso genuíno da moça, como também pelas marcas de carinho em todo o corpo.

Depois de uma semana acionaram a polícia, pois o cheiro era nojento e insuportável. Ao entrar naquele lugar se depararam com um cenário grotesco que deixou explícito que nunca existia amor ali.

Anna Julya da Silva
3º ano / Itajaí
2022